

**Modalização e ethos na narrativa feminina da
Revolta dos Possesiros de 1957**

*Modalization and ethos in the female narrative of the
1957 Revolta dos Possesiros*

Leandra FRANCISCHETT¹
Renan Paulo BINI²

Resumo

A história da região Sudoeste do Paraná foi marcada por um conflito decorrente da disputa de terras, que desencadeou, em 1957, a Revolta dos Possesiros. Considerando a necessidade de registrar falas sobre o evento, desenvolve-se pesquisa pautada na fala de senhoras que presenciaram este período. A coleta ocorreu a partir de entrevista com base em questionários semiestruturados. Com base em estudos da Retórica e de diferentes áreas da Linguística, objetiva-se verificar, no depoimento de uma senhora que vivenciou a Revolta dos Possesiros, marcas linguísticas que indiquem formas de engajamento com relação ao conteúdo informacional, que contribuem para a construção do *ethos* da entrevistada, na modalidade oral-dialogada. As análises revelam que os modalizadores contribuem para a construção de um *ethos* ancorado a valores como honestidade e precisão, atribuindo à Entrevistada uma autoridade como testemunha dos eventos históricos.

Palavras-chave: Entrevista. Ethos. Retórica. Modalizadores.

Abstract

The history of the Southwest region of Paraná was marked by a conflict arising from a land dispute called the Revolta dos Possesiros, in 1957. Given the need to record speeches about the event, research was developed based on the speeches of the ladies who witnessed this period. Collection took place using semi-structured questionnaires. Based on studies of Rhetoric and different areas of Linguistics, the objective is to verify, in the testimony of a lady who experienced the Revolta dos Possesiros, linguistic marks that indicate forms of engagement with the informational content, which contribute to the construction of the interviewee's ethos, in the oral-dialogue modality. The analyzes reveal that the modalizers contribute to the construction of an ethos anchored to values such as honesty and precision, giving the Interviewee authority as a witness to historical events.

Key words: Interview. Ethos. Rhetoric. Modulators.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/Unioeste). Bolsista CNPq. E-mail: lefrancischetti@yahoo.com

² Doutor em Letras. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (PPGL/Unioeste). E-mail: renanpaulobini@hotmail.com

Introdução

A Revolta dos Posseiros de 1957, no Sudoeste do Paraná, envolveu a luta pela propriedade jurídica da terra. E, apesar do ocorrido ter sido um evento de muita importância para a territorialização regional, as mulheres não ganharam a notoriedade que merecem neste conflito, de acordo com Fiorese (2000). O autor procurou desvelar o silêncio das mulheres no decorrer da história do Sudoeste do Paraná, mas ele declara que isso não se limita à falta de publicações que reconheça a presença delas. “A vida privada reservada às mulheres implica também no problema com as fontes e registros. Aí o espaço delas é bastante limitado” (Fiorese, 2000, p. 79). Considerando a necessidade de registrar falas sobre o evento, desenvolve-se pesquisa pautada na fala de senhoras, que vivenciaram o evento.

Embora tenha pesquisado o assunto, Fiorese (2000) não esgotou as possibilidades de participação da mulher na Revolta dos Posseiros de 1957, por isso ainda há muito a investigar. Este artigo pretende oportunizar um espaço para que as mulheres sobreviventes apresentem suas versões sobre o que realmente aconteceu no Sudoeste. “Se apenas os homens foram incluídos nas narrativas e nas produções existentes, não significa que as mulheres não possuem uma história. Elas têm uma história. Elas têm uma história, porém não estão na historiografia” (Fiorese, 2000, p. 85).

Neste artigo, pretende-se verificar, em uma única entrevista, realizada com uma senhora com idade a partir de 80 anos³, marcas linguísticas que indiquem formas de maior ou menor engajamento (Corbari, 2016), para a construção de *ethos*, a partir de uma entrevista presencial, ocorrida dia 31 de julho de 2023. Esta senhora será denominada de Entrevistada. A justificativa para escolha deste *corpus* é o fato de que as mulheres também tiveram papel na Revolta dos Posseiros e são dignas de destaque, conforme os textos consultados.

A análise retórica do discurso de uma senhora que vivenciou os eventos oferece uma perspectiva única sobre como o *ethos* é moldado e negociado em contextos de testemunho oral. Ao focar nas marcas linguísticas de engajamento e nas estratégias discursivas empregadas pela entrevistada, o estudo identifica como ela se posiciona não

³ Este depoimento é parte do *corpus* da tese de doutorado, em estágio inicial de desenvolvimento, da autora I. Esta pesquisa apresenta parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa e tem como Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 68168123.1.0000.0107

apenas como testemunha, mas como uma agente histórica cuja narrativa é capaz de desafiar e enriquecer a historiografia tradicional.

Investigar o *ethos*, neste contexto, é crucial porque ele transcende a simples descrição dos fatos; ele revela como a entrevistada utiliza seu discurso para estabelecer credibilidade, evocar empatia e assertivamente reivindicar um espaço para a memória feminina dentro da narrativa dominada por homens. Este enfoque é particularmente significativo em um cenário em que a presença feminina tem sido historicamente marginalizada. Através de recortes da entrevista, é possível explorar como a entrevistada constrói uma imagem de si que não apenas relata eventos, mas também contesta e redefine o entendimento do papel das mulheres na história social e política da região. Assim, este trabalho enfatiza a importância da retórica na reconstituição de identidades e memórias frequentemente silenciadas.

Procedimentos metodológicos

A interlocução nesta pesquisa é devida à metodologia empregada, por pergunta e resposta, a partir de entrevista com base em questionário semiestruturado, embasado no projeto Crenças e Atitudes Linguísticas (CAL). Com base em Aguilera (2019), verificam-se quais fatores externos são determinantes para a análise das atitudes especificamente sobre a Revolta dos Posseiros de 1957. Optou-se pelo sexo feminino para também dar voz às mulheres num conflito marcado majoritariamente por homens. Quanto à variável sexo, os primeiros dialetólogos e antropólogos já reconheciam que havia diferenças entre a fala de homens e a de mulheres, uns atribuindo essas diferenças ao tabu, outros à condição social da mulher, até então isolada do mundo masculino (Aguilera, 2019, p. 39).

A entrevista aconteceu *in loco* e foi gravada em áudio, seguindo um roteiro com pelo menos 35 perguntas, divididas em seis blocos, enfocando a identificação da Entrevistada, seu conhecimento sobre a Revolta dos Posseiros, participação da sua família no evento, lembranças de fatos ocorridos no período do conflito, a fala dos posseiros durante a Revolta e a contribuição dos pioneiros na fala da região. Então, a subjetividade decorreu, em parte, da metodologia empregada. A transcrição considerou as normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – Núcleo USP) (Pretti, 1999).

Para a análise dos dados coletados na entrevista, foram selecionados recortes representativos das falas da entrevistada. Estes recortes foram submetidos a uma análise qualitativa focada nos modalizadores epistêmicos, utilizando como referencial teórico contribuições da Linguística e da Retórica. A escolha dos segmentos analisados foi guiada pela frequência e pela significância dos modalizadores no contexto das respostas, refletindo a capacidade da entrevistada de expressar suas memórias e opiniões sobre a Revolta dos Posseiros. Esta análise qualitativa baseou-se em pesquisa bibliográfica.

A Modalização e o *ethos* em falas de uma entrevistada sobre a Revolta dos Posseiros

A capacidade de persuasão de um discurso é frequentemente influenciada pela forma como o falante é percebido por sua audiência, um conceito retórico profundamente enraizado na noção de *ethos*. *Ethos*, conforme o filósofo clássico grego Aristóteles (2017), não é meramente uma característica atribuída ao orador, mas uma construção retórica que emerge da interação entre o orador e a audiência, de modo a construir uma imagem favorável de si. Considerando a noção de *ethos*, nesta seção, são apresentadas reflexões teóricas e análises de entrevista com uma senhora que vivenciou a Revolta dos Posseiros, em 1957, na região Sudoeste do Paraná.

A construção do *ethos* é mobilizada por meio da linguagem e do estilo, propondo uma imagem do orador que busca legitimar sua voz e fortalecer sua argumentação. Neste contexto, investigar o *ethos*, na modalidade oral dialogada, envolve analisar como o orador se posiciona e é percebido, especialmente em narrativas que carregam um peso histórico e social significativo, como é o caso das entrevistas sobre a Revolta dos Posseiros de 1957, no Sudoeste do Paraná. A análise aqui apresentada não se limita a capturar aspectos informativos da fala, mas estende-se para entender como essas falantes engajam-se com o conteúdo através de modalizadores epistêmicos, os quais indicam o grau de tensão ou assertividade com que as informações são apresentadas.

Assim, essa abordagem permite uma avaliação detalhada do *ethos*. Como destacado por autores como Maingueneau (2020), Amossy (2016) e Bini e Sella (2023), ao produzir um texto, seja ele na modalidade escrita ou oral-dialogada, o produtor engaja-se na construção de uma imagem de si que visa persuadir e conectar-se com a audiência. Esta imagem, que é constantemente reformulada durante o discurso, responde não só às

exigências do contexto imediato, mas também às expectativas e concepções do público, o que Dascal (2016) chama de "caráter apropriado" para cada tipo de discurso.

Este estudo propõe uma reflexão sobre como o *ethos* é configurado em narrativas orais, considerando a importância das nuances linguísticas e do contexto sócio-histórico na construção da credibilidade e da persuasão no discurso. Verificou-se a presença de expressões modalizadoras, demonstrando graus de comprometimento do enunciador em relação ao dito. Segundo Jodar (2015),

a língua dispõe de recursos linguísticos para materialização das intenções do falante, que, na tentativa de direcionar o modo como o seu enunciado será percebido pelo seu interlocutor, seleciona os modalizadores que contribuirão para explicitar ou camuflar seu comprometimento diante do conhecimento de determinados fatos enunciados (Jodar, 2015. p. 131-132).

Na entrevista analisada neste artigo, foram identificados exemplos de manifestações modalizadoras, classificadas como da modalidade epistêmica. Nos fragmentos retirados desta entrevista, percebe-se a preocupação em manter um baixo grau de comprometimento da falante com o conteúdo expresso, possivelmente pela indefinição dos fatos acontecidos, mas também como uma forma de evitar o comprometimento com o dito.

A exemplo de Nascimento (2009), é necessário enxergar a modalização como um fenômeno linguístico que permite ao locutor, além de deixar marcas de suas intenções, agir em função de seu interlocutor e expressar sua subjetividade.

[...] a teoria da modalização se apresenta como uma teoria que explica como um locutor deixa registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos linguísticos e, portanto, imprime um modo como esse discurso deve ser lido. Dessa forma, age em função da interlocução. A modalização consiste, portanto, em uma das estratégias argumentativas que se materializam linguisticamente, e que se constitui em um ato de fala particular (Nascimento, 2009, p. 1369).

Considerando o exposto por Nascimento (2009), que ressalta a importância da modalização como um meio pelo qual o produtor imprime marcas de sua subjetividade no discurso, é relevante refletir sobre como essa modalização se manifesta nas entrevistas, especialmente quando o foco é um evento tão significativo como a Revolta dos Posseiros. Nascimento (2009) destaca a modalização como uma estratégia argumentativa

materializada linguisticamente. Dito isso, ao entrevistar mulheres que vivenciaram a Revolta dos Posseiros, é inevitável que essas estratégias sejam utilizadas, visto que elas estão compartilhando suas experiências e percepções sobre o evento. Com relação à observação dos elementos modalizadores, citamos Jodar (2015), que os define como

mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, ou seja, a argumentatividade está inscrita na própria língua. É a esses mecanismos que se costuma denominar marcas linguísticas de enunciação ou da argumentação e, outras vezes, tais elementos são denominados modalizadores (Jodar, 2015, p. 128).

Esses modalizadores são cruciais para a compreensão da perspectiva da Entrevistada e para identificar como ela se relaciona com a informação que está sendo transmitida. Em entrevistas, em que há uma interação direta entre entrevistador e entrevistado, é provável que a modalização seja usada de forma proeminente, pois o produtor deseja comunicar sua perspectiva de uma maneira que seja compreendida e aceita pelo interlocutor.

Considerando o contexto específico deste estudo, em que mulheres, tradicionalmente silenciadas em narrativas históricas, são dadas a oportunidade de compartilhar suas experiências, a modalização assume um papel ainda mais crucial. Essas mulheres não estão apenas compartilhando fatos, mas também estão expressando suas emoções, crenças e opiniões sobre o evento. Portanto, ao analisar suas falas, é essencial verificar não só o que está sendo dito, mas também como o dito é modalizado.

Ou seja, as marcas linguísticas podem indicar pontos de vista lançados pela Entrevistada. Para tanto, foram observados modalizadores epistêmicos que indicam como determinado conteúdo proposicional foi concebido de forma mais tensa ou menos tensa e como os recortes analisados podem ser considerados atos de fala (Ottoni, 2002), o que justificaria a modalização epistêmica que vai do asseverativo ao quase-asseverativo (Castilho; Castilho, 1992).

Conforme Castilho e Castilho (1993, p. 223), os modalizadores epistêmicos, objeto de análise deste artigo, expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição, sendo compreendidos em três subclasses: asseverativos, quase-asseverativos e delimitadores.

Os modalizadores, segundo Corbari (2016), destacam-se por explicitar a orientação interlocutiva proposta. A autora trabalha mais especificamente sobre os textos

opinativos e este artigo adaptou para o gênero entrevista, já que apresenta os relatos de uma pioneira que viveu no final da década de 1950, na região Sudoeste do Paraná.

Numa definição geral, pode-se dizer que a negociação diz respeito à forma como o produtor relaciona recursos linguísticos, manipulando-os para agir sobre o interlocutor, orientando a produção de sentido(s) a partir da posição que apresenta no texto sobre o tema abordado. (...) Ao tentar agir sobre crenças e opiniões dos leitores, o produtor do texto escolhe tanto o conteúdo que vai verbalizar quanto a forma de fazê-lo (Corbari, 2016, p. 156).

Percebeu-se que a dimensão de um modalizador depende do tipo de ato de fala, principalmente quando se trata de uma relação “pergunta e resposta” e existe a necessidade de preservação da face. Sendo assim, o tipo de relação interlocutiva pode ser um indicador do perfil e da extensão de um modalizador epistêmico, incluindo os advérbios.

De acordo com Neves (2000), o advérbio é uma palavra periférica, uma vez que funciona como satélite de um núcleo. A autora apresenta duas subclasses dos advérbios, sendo os advérbios modificadores e os não-modificadores. Neste artigo, também são analisados os advérbios, que modalizam o conteúdo de uma asserção e estão incluídos na subclasse modificadores.

Considera-se, segundo Neves (2000), que os advérbios modalizadores podem ser classificados em epistêmicos, que indicam uma crença, uma opinião sobre a asserção, como certamente, possivelmente e provavelmente; delimitadores, que delimitam o ponto de vista sob o qual uma asserção pode ser considerada verdadeira, como historicamente, teoricamente e tecnicamente; e os deônticos, que apresentam uma obrigação, uma necessidade, por exemplo obrigatoriamente e necessariamente.

Recortes que apresentam modalizadores

Ao classificar os advérbios modalizadores em epistêmicos, Neves (2000) esclarece que eles expressam uma avaliação que passa pelo conhecimento do falante, de modo a avaliar o valor de verdade do que é dito no enunciado. No caso da Entrevistada, ela usa o advérbio **difícilmente**, como demonstra-se no Recorte 1:

Recorte 1: Entrevistadora: E quais as roupas usadas na época? Como eram as roupas das crianças? Essas peças eram adquiridas ou feitas na própria família? E quem costurava?

Entrevistada: é ... comprava tecido ... sabe ... naquela época era ... nas lojas assim ... era peças de tecidos ... **difícilmente** que tinha roupa feita ... aí as costureira que faziam ... quando a gente comprava ... isso sim **eu lembro bem** ... a gente comprava o tecido em metro e mandava fazer as roupas ... blusa ... saia ... né.

A escolha da Entrevistada em usar o modalizador epistêmico **difícilmente** indica uma avaliação baseada nas crenças ou experiências sobre a probabilidade ou frequência de um evento, sugerindo que, em sua memória, era raro encontrar roupas já confeccionadas nas lojas. Essa escolha linguística tem impacto argumentativo. Ao sinalizar a raridade de roupas prontas, ela prepara o leitor para entender o contexto da época, no qual predominava a compra de tecidos em metros e a confecção personalizada de roupas.

O termo **difícilmente** não representa uma certeza, mas uma avaliação relativa. Situa-se em um espectro entre a certeza total e a incerteza, inclinando-se mais para a improbabilidade. Isso dá uma nuance ao relato, demonstrando que as roupas prontas eram a exceção, não a regra. A resposta da Entrevistada também é moldada pelas questões propostas. Ao usar esse modalizador, ela guia a entrevistadora por suas memórias, contrastando as práticas de compra e confecção da época com as atuais. Esta escolha linguística, portanto, é crucial não apenas para representar a memória da Entrevistada, mas também para caracterizar a sociedade da época e construir a narrativa que ela deseja compartilhar. Já o advérbio **bem** é um modalizador asseverativo, que imprime alto grau de certeza.

A análise do *ethos* da entrevistada, neste recorte, revela sua posição não só como narradora dos fatos, mas como uma autoridade no tema abordado. A forma como ela se expressa, escolhendo itens lexicais e modos específicos de falar sobre suas experiências, transmite uma imagem de alguém profundamente enraizado no contexto social e histórico discutido. A entrevistada, ao compartilhar suas memórias de forma tão detalhada, constrói uma imagem de si mesma como testemunha confiável e informada dos costumes de sua época. Isso cria uma conexão com a entrevistadora e com a audiência que fará a leitura da narrativa a partir da pesquisa, orientando a interpretação para a autenticidade da realidade passada.

Além disso, a entrevistada utiliza uma linguagem que reflete uma certa nostalgia, ao mesmo tempo que oferece uma janela para a vida cotidiana de um período anterior. Essa abordagem humaniza a narrativa, fazendo com que a entrevistada não apenas desempenhe o papel de informante, mas também de representante ocular de uma época. Ela evoca uma era de maior simplicidade, possivelmente em contraste com a massificação e industrialização da moda contemporânea. Através dessa estratégia discursiva, ela fortalece o *ethos* ao demonstrar uma apreciação pelas práticas tradicionais e um profundo entendimento das transformações sociais e culturais. Este posicionamento não só enriquece a narrativa como também engaja o ouvinte a refletir sobre as mudanças nos valores e práticas sociais ao longo do tempo.

Ainda com relação ao uso dos advérbios, Neves (2000) explica:

O emprego de advérbios asseverativos não garante que o conteúdo do que se diz seja, realmente, verdadeiro, ou não-verdadeiro, ou possível etc. O que, com certeza, esses advérbios indicam é que o falante quer marcar seu enunciado como digno de crédito, quanto a tais variáveis. Por isso mesmo, há muito de individual no modo de emprego desses elementos, havendo pessoas que, antecipando-se a uma possível desconfiança de seu interlocutor, modalizam continuamente o seu enunciado com elementos asseverativos. Por outro lado, há tipos de interlocução mais frouxos, nos quais a falta de consistência, e, a partir daí, a baixa credibilidade do que é dito se compensa com uma manifestação repetida de certeza ou de crença (Neves, 2000, p. 249).

É o que acontece com o uso de **difícilmente**, na fala acima. Outro modalizador quase-asseverativo é **acho que**, uma vez que não há certeza no que se está afirmando, como ocorre nas citações da Entrevistada, nos Recortes 2 e 3. Esse tipo de modalização reflete a hesitação ou cautela do falante em se comprometer totalmente com a veracidade da afirmação subsequente.

Recorte 2: Entrevistadora: E como era o atendimento à saúde? Havia hospital?

Entrevistada: sim ... tinha o hospital do doutor Walter ... tinha o hospital ... puxa vida ... não sei dizer agora ... mas o doutor Rubens ... doutor Rubens ... hospital do doutor Rubens e doutor Walter ... **acho que** os outros vieram depois.

Recorte 3: Entrevistadora: E os posseiros tinham um líder?

Entrevistada: **eu acho que** era uma união.

Nos Recortes 2 e 3, a utilização de **eu acho que** pela Entrevistada revela uma tentativa de precisar ou reconstituir suas memórias em tempo real, enquanto se engaja na conversa. No Recorte 2, a expressão é usada quando ela tenta recordar a cronologia dos hospitais. Ao afirmar “**acho que** os outros vieram depois”, a Entrevistada reconhece sua incerteza sobre a sequência exata dos eventos, mas ainda deseja fornecer uma resposta que ela considera provável. Essa modalização expressa uma hesitação, dando espaço para possíveis correções ou revisões no futuro, indicando também a subjetividade de sua resposta.

No Recorte 3, a expressão **eu acho que** é empregada ao refletir sobre a liderança entre os posseiros. Aqui, mais uma vez, ela demonstra uma tentativa de remontar sua compreensão dos eventos passados. Ao dizer “**eu acho que** era uma união”, a Entrevistada sugere uma dinâmica coletiva entre os posseiros, mas sem a firmeza que um relato assertivo teria. Esta expressão, neste contexto, pode indicar não apenas uma incerteza sobre detalhes específicos, mas também a complexidade da situação – talvez insinuando que a liderança entre os posseiros não era centralizada em uma única figura, mas era, de fato, mais colaborativa ou coletiva.

Em ambos os recortes, a modalização **eu acho que** funciona como uma ferramenta linguística que permite à Entrevistada navegar pelo terreno incerto da memória e do relato histórico, oferecendo respostas que, embora não sejam definitivas, fornecem uma perspectiva valiosa sobre sua interpretação e entendimento dos eventos. Esse tipo de modalização epistêmica torna-se especialmente relevante em entrevistas, pois indica ao interlocutor (e ao público mais amplo) o grau de certeza ou incerteza com que a informação é apresentada, contribuindo assim para a riqueza e nuance do relato.

Essas estratégias linguísticas constroem um *ethos* ancorado à sinceridade e à autenticidade. Essa modalidade de expressão reflete uma consciência sobre a falibilidade da memória humana, e ao admitir sua incerteza, a entrevistada se apresenta como uma figura honesta e confiável. Este é um traço fundamental para a construção de um *ethos* positivo, especialmente em contextos de narrativa oral. Ao optar por uma comunicação que reconhece as limitações de seu próprio conhecimento, a entrevistada não apenas fortalece sua credibilidade, mas também estabelece uma relação de confiança com a audiência, que valoriza a franqueza na reconstrução dos eventos históricos.

Este tipo de interação sugere um *ethos* colaborativo, no qual o conhecimento é construído coletivamente entre entrevistadora e entrevistada. Este aspecto é

particularmente relevante no Recorte 3, cuja ambiguidade sobre a liderança dos posseiros pode refletir uma realidade histórica complexa e multifacetada. Esse *ethos* colaborativo enriquece o relato, fazendo com que não seja apenas um registro de memórias individuais, mas uma exploração coletiva do passado.

Há um baixo grau de adesão da falante com o conteúdo expresso, situação semelhante no Recorte 4:

Recorte 4: Entrevistadora: E havia fala específica das mulheres posseiras?
Entrevistada: como?
Entrevistadora: Uma fala específica das mulheres posseiras.
Entrevistada: aH:: ... **eu acho** que do mato nem vieram ... vieram só homens ... né ... eu não lembro de ter vindo mulheres junto com eles ... homens.

Desta forma, a Entrevistada indica que possivelmente não houve mulheres envolvidas diretamente na Revolta dos Posseiros. Embora elas tenham contribuído de outras formas, não participaram do levante do dia 11 de outubro, quando os posseiros ganharam a batalha contra os jagunços e as companhias de terra. O modalizador epistêmico **eu acho que** está no nível da crença desta senhora, que acredita que as mulheres não tenham vindo participar do levante. Ao se manifestar em primeira pessoa, ela registra sua opinião e não necessariamente uma certeza. A análise também depende da situacionalidade, por isso a importância de contextualizar o acontecido.

Outro modalizador utilizado com recorrência pela Entrevistada é o **praticamente**, que, diferentemente do **eu acho que**, revelador de hesitação ou incerteza por parte do falante, indica um maior comprometimento e responsabilidade sobre o dito, mas sem chegar totalmente lá. Ou seja, quando alguém diz que algo é **praticamente**, de certo modo, está afirmando que é quase completamente dessa forma, mas não inteiramente. Vejamos os recortes 5 e 6:

Recorte 5: Entrevistadora: A migração era uma prática muito comum? O que fazia as pessoas se fixarem na região?
Entrevistada: ficou bastante tempo com medo né... do pessoal de ... com medo porque dava impressão que Beltrão era um fim de mundo ... né ... ficou uma impressão muito ruim ... por causa do acontecido ... né ... então ficou um tempo assim que os ônibus viajavam **praticamente** vazio ... teve uma ocasião [...] nós fomos visitar os parentes dele em

Santa Catarina ... teve trechos que viajava só nós dois ... o pessoal tinha medo de vim pra cá.

Recorte 6: Entrevistadora: E eles apresentavam sotaque?

Entrevistada: eu **praticamente** não falava com eles né ... um que outro que vinha na casa do meu pai pedir ajuda né ... mas no geral ... assim.

Nos Recortes 5 e 6, a Entrevistada, ao afirmar que os ônibus viajavam **praticamente vazio**, indica que, na maioria das vezes ou em muitas ocasiões, havia poucos passageiros nos ônibus. Porém, ela evita dizer que estavam sempre vazios, sugerindo que houve exceções. Esta escolha linguística não é apenas sobre transmitir informação, mas também sobre preservar a imagem social, ou “face”, tanto do falante quanto do ouvinte.

A Entrevistada, ao usar **praticamente**, garante precisão na sua declaração, minimizando o risco de ser acusada de exagero. Ao mesmo tempo, para o ouvinte, ela apresenta uma informação quase absoluta, mas ainda deixa margem para possíveis exceções, evitando potenciais confrontos ou correções. Além disso, o modalizador é uma estratégia argumentativa para enfatizar a seriedade de uma situação. Nesse contexto, a Entrevistada destaca o medo da comunidade, na época. Assim, o modalizador **praticamente** equilibra a necessidade de precisão com o desejo de ênfase, refletindo tanto a realidade observada (ônibus frequentemente vazios) quanto a subjetividade da narradora (evitando ser absolutamente categórica).

Percebe-se um esforço consciente em equilibrar precisão e moderação nas afirmações, o que reflete uma considerável responsabilidade discursiva. A entrevistada constrói um *ethos* de cautela e meticulosidade. Isso revela um respeito pela verdade e pela complexidade das situações narradas, evitando generalizações precipitadas que poderiam distorcer os fatos. Tal abordagem fortalece sua imagem como uma entrevistada ponderada, que entende a importância da nuance na reconstrução de eventos passados. O cuidado em manter a precisão, ao mesmo tempo que deixa espaço para a incerteza, também sugere uma personalidade equilibrada e reflexiva, qualidades que atraem a confiança e a empatia do ouvinte.

Como os modalizadores epistêmicos estão no campo do saber, com maior ou menor grau de certeza, há ainda os modalizadores epistêmicos asseverativos, como **perfeitamente** e **eu sei que**, como pode-se observar nos Recortes 7 e 8:

Recorte 7: Entrevistadora: Quem participava e o que faziam? Então, era o seu pai?

Entrevistada: o pai ... o pai com os amigos dele ... que já falecidos ... nem lembro o nome ... mas os amigos que eram suplente do pai na época ... né ... o pai era ((cargo militar ocupado pelo pai)) ... né ... então tinha suplente ... não sei como é que chamava ... hum :: ... não me lembro ... **eu sei que** ele tinha umas pessoas que trabalhavam com ele na ((local)) ... né ... então foram os que se uniram pro levante ... como diz ... né.

Recorte 8: Entrevistadora: E quem da sua família participou diretamente da revolta?

Entrevistada: ah ... ((nome do pai da entrevistada)) ... meu pai ... era ((cargo militar ocupado pelo pai)) na época ... ele deu o grito de levante aqui em Beltrão ... sim ... foi ele ... isso eu lembro ... **perfeitamente.**

Nos Recortes 7 e 8, são empregados modalizadores que indicam alto grau de certeza por parte da Entrevistada, particularmente **eu sei que** e **perfeitamente**. No Recorte 7, a modalização **eu sei que** é precedida por momentos de hesitação e incerteza. Aqui, o modalizador serve como uma afirmação da certeza da memória subsequente da Entrevistada. Mesmo que ela não se lembre de detalhes específicos como o nome das pessoas, ela tem certeza de que seu pai trabalhava com determinadas pessoas. O **eu sei que** é uma espécie de âncora de certeza no meio da hesitação e incerteza que a precede, garantindo à Entrevistadora (e a qualquer ouvinte) que, apesar das falhas em sua memória, há aspectos dos quais a audiência pode confiar.

O Recorte 8 apresenta uma afirmação mais direta da memória e da certeza da Entrevistada. A palavra **perfeitamente** atua como um reforço dessa asseveração. Ao dizer “isso eu lembro... **perfeitamente**”, ela constrói um efeito semântico de confiança sobre sua memória do evento, em contraste com suas anteriores incertezas.

As pausas, simbolizadas pelas reticências, também têm um papel importante na modalidade. Elas indicam hesitação, reflexão, ou até mesmo uma tentativa de recuperar uma memória específica. As pausas antes das afirmações de certeza servem para aumentar o impacto dessas afirmações. Além disso, quando combinadas aos modalizadores de alta certeza, as pausas sugerem que a Entrevistada está revisitando cuidadosamente sua memória para oferecer a informação mais precisa possível. Ela evita comprometer-se excessivamente com detalhes dos quais não está totalmente certa, uma estratégia que serve para preservar a face e a dignidade, especialmente ao discutir um tema sensível como a memória do pai e os eventos históricos.

Dada a natureza polêmica da revolta mencionada e o papel proeminente do pai nesses eventos, a Entrevistada sente a necessidade de ser meticulosa em suas recordações. Suas pausas e hesitações, assim como seus momentos de certeza, refletem uma tentativa de equilibrar a fidelidade à sua memória com a representação respeitosa e precisa do pai. A preservação da face, neste contexto, não é apenas para si mesma, mas também para a memória e a reputação de seu pai. Assim, o uso estratégico desses modalizadores epistêmicos contribui significativamente para a construção de um *ethos*, no qual a entrevistada se posiciona como uma fonte confiável e respeitada, apta a discutir eventos de grande relevância histórica e pessoal com clareza e precisão.

Em várias ocasiões, a entrevistada faz uso de modalizadores que indicam a preservação da imagem social, tanto sua quanto da entrevistadora. Isso é evidente no uso de expressões que sugerem precisão na declaração ao mesmo tempo que minimizam o risco de ser acusada de exagero, permitindo a apresentação de informações quase absolutas, mas deixando margem para possíveis exceções. Trata-se de um *ethos* de credibilidade e preservação não só da própria face, mas da memória e da honra da família também.

Considerações finais

Este estudo investigou a presença e o impacto dos modalizadores epistêmicos nas falas de uma senhora que vivenciou a Revolta dos Posseiros em 1957, através de uma entrevista detalhada que reflete as nuances da memória e do discurso oral. Os modalizadores utilizados pela Entrevistada desempenham um papel crucial na construção do discurso, proporcionando uma camada adicional de significado que transcende o conteúdo literal das declarações. Eles permitem a expressão de certeza, dúvida, probabilidade, necessidade e desejo, enriquecendo a comunicação e aprofundando a compreensão dos eventos relatados.

Além de evidenciar as atitudes da Entrevistada em relação aos eventos que descreve, os modalizadores também mobilizam a construção de um *ethos* ancorado a valores como honestidade e precisão, atribuindo à Entrevistada uma autoridade como testemunha dos eventos históricos. As escolhas linguísticas não apenas retratam a sociedade da época, mas também posicionam a Entrevistada como uma narradora

confiável e informada, cujas memórias contribuem significativamente para a historiografia da Revolta dos Posseiros.

O estudo também destaca como a interação entre entrevistadora e entrevistada, mediada pelos modalizadores, facilita uma dinâmica de negociação de memórias e identidades. Esta interação não apenas captura a complexidade das experiências pessoais e coletivas, mas também serve como um meio para reexaminar e redefinir o papel das mulheres nos eventos históricos.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Procedimentos metodológicos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato. IN: SELLA, Aparecida Feola; CORBARI, Clarice Cristina; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Dez anos do Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas em contato.** Contatos linguísticos no Paraná. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019, p. 31-46.

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 119-144.

BINI, Renan Paulo; SELLA, Aparecida Feola. **Retórica e ensino: estratégias de transposição teórica.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; CASTILHO, Célia Maria Moraes de. **Advérbios modalizadores.** In: ILARI, Rodolfo (org.). Gramática do português falado. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1992. p. 213-261.

CORBARI, Alcione Tereza. A negociação em textos opinativos: os elementos modalizadores como estratégia de interação. IN: PORFIRIO, Lucielen; SIQUEIRA, Sávio. **Colhendo frutos e partilhando saberes acerca da linguagem: diálogos entre pesquisas de um doutorado interinstitucional.** Cascavel: Edunioeste, 2016, p. 155-175.

DASCAL, M. O ethos na argumentação: uma abordagem pragmatológica. AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 57-92.

DEUS, Kátia Regina Gonçalves; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. **A ocorrência dos modalizadores epistêmicos, avaliativos e delimitadores no gênero discursivo contrato: índices de argumentatividade.** Odisseia, Natal, RN, v. 4, n. 2, p. 89-110, jul.-dez. 2019.

FIGLIARELLI, Gilmar. **A mulher e conflitos sociais no Sudoeste do Paraná (1943-1962).** Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História da Unesp/Assis-SP e Unicentro/Guarapuava, 2000.

JODAR, Daiane Karla Correia. **A modalização epistêmica e deôntica em entrevista: um exercício em análise.** Travessias Interativas / Ribeirão Preto (SP), N. 10 (Vol. 5), p. 123–136, jul-dez/2015.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos.** Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira. **A modalização como estratégia argumentativa: da proposição ao texto.** IN: ANAIS do VI Congresso Internacional da Abralín. João Pessoa, Editora Idéia, 2009, p. 1369-1376.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PRETTI, Dino (Org.). **Análise de textos orais:** projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – Núcleo USP). São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP. 4 ed. 1999.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. *In:* PRETTI, Dino (Org.). **Análise de textos orais:** projeto de estudo da norma linguística urbana culta de São Paulo (Projeto NURC/SP – Núcleo USP). São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP. 4 ed. p. 13 a 32. 1999.